

## Lourenço e Régio: Críticas e Equívocos

Maria Manuel Baptista  
Universidade de Aveiro

«O efeito do tempo é o de modificar sem fim o relevo e a perspectiva do mesmo tempo».

*Eduardo Lourenço, "Situação de Régio", 1984.*

«Para nós, situados no inconfortável espaço entre uma geração a que a presença de Régio conferiu aura mitológica e outra que não precisa ainda de mitologia, por ser a vida mesma, o desabar da Velha Casa, enche-nos de uma nostalgia lancinante».

*Eduardo Lourenço, "A Ausência-Régio", 1969.*

A reflexão de Lourenço sobre a obra de Régio, embora não seja muito relevante no número de ensaios que lhe dedicou, é de uma riqueza e complexidade assinaláveis. Em primeiro lugar, porque os textos lourenceanos que referem Régio situam-se ao longo dos mais de 50 anos de labor ensaístico (o primeiro data de 1947 e o último de há pouco mais de um mês) e, em segundo lugar, e facto mais importante e decisivo, porque a reflexão de Lourenço sobre Régio foi sempre pontuada por textos de uma qualidade e profundidade tal que chegaram a marcar uma época e mesmo a instituir novas formas, hoje mais ou menos consensuais, de compreender não só a obra de Régio mas a própria *presença* e o *modernismo* português.

Com efeito, e é preciso esclarecê-lo de uma vez por todas, Lourenço nutre uma admiração nunca desmentida pela obra de Régio, a qual se situa sobretudo ao nível da independência e da autenticidade da obra, mas também da postura humana e ética que é a própria do escritor de Vila do Conde. Mas o que, acima de tudo, parece tocar Lourenço é a profunda e insistente inquietação metafísica de que a obra de Régio é testemunha e que em nada é estranha às mais decisivas motivações e incontornáveis preocupações da obra lourenceana.

Apesar de tudo isto, estamos face a dois homens e a duas obras profundamente diferentes, pois que aí onde as respectivas motivações de ambos parecem tocar-se, e mesmo identificar-se, surge a diferença irreduzível. É que, se Régio considera que é nos meandros da psicologia e da personalidade que será possível encontrar resposta para a questão do sentido da arte enquanto aventura humana, para Lourenço só uma

filosofia da linguagem e uma ontologia do acto poético permitem o afloramento de uma tal questão.

Para Lourenço, uma tal diferença de perspectivas será ressentida em determinados momentos como um abismo intransponível; noutros, sobretudo mais recentemente, procurará as pontes que lhe permitam mais compreender do que julgar os caminhos da busca regiana.

Uma tal inversão de atitude, em substância nada trará de absolutamente novo, pois que as principais e primaciais apreciações de Lourenço sobre a obra de Régio não são nunca desmentidas pelo filósofo português, mas antes reiteradas e aprofundadas. O que, de facto, nos parece alterar-se completamente em Lourenço é a atitude combativa e a linguagem polémica que utilizou até à década de 60 quando se referia a Régio, a qual praticamente desaparece nos ensaios que lhe dedicou nas três últimas décadas.

Uma tal modificação no tom dos ensaios de Lourenço sobre Régio, que na verdade tem mais de atenuação de superficial tom polémico do que de revisão de posições críticas, pode, em nossa opinião, compreender-se se se atentar ao contexto cultural concreto em que Lourenço e Régio coexistiram. Na verdade, e de acordo com as palavras de Lourenço, Régio era já um vulto de referência quando, em Coimbra, pelos anos 40 a sua geração toma contacto tanto com a *presença* como com *Orpheu*, de forma mais ou menos simultânea no tempo. As suas primeiras invectivas contra Régio, que não deixaram de ser algo influenciadas pelo contacto com Miguel Torga, representam sem dúvida, a tentativa de uma geração nova que procura determinar-se e encontrar um olhar próprio e original sobre a realidade (atitude que, de resto, o próprio Régio parece compreender como 'natural'<sup>1</sup>).

Mas, determinar-se contra Régio, forjando uma identidade geracional por oposição àquele para quem tudo era aceitável e potencialmente valioso, desde que original, autêntico e vivo, não era tarefa fácil. E dessa dificuldade nos dá testemunha a linguagem, por vezes violentamente polémica e até demolidora de Lourenço, quando se refere à *presença*, a Régio, e sobretudo a Gaspar Simões. Que Régio se sentisse profundamente magoado com este "exercício de crescimento" e processo de construção de uma identidade geracional que parece fazer-se contra a sua própria pessoa e a sua própria obra (cuja atitude de base é de libérrima aceitação da diversidade de pontos de vista e de extrema sensibilidade ao novo, ao diferente e ao original), parece-nos absolutamente normal. Mas o que nos parece menos normal é que nós, hoje, não sejamos capazes de compreender, ajudados pela distância temporal a que nos encontramos já dos anos 40 e 50 do século passado, aquilo que na polémica entre Lourenço e Régio foi epocal e embate natural entre duas gerações que se sucedem, daquilo que efectivamente distingue a busca metafísica que, por diferentes vias e modos de produção literária e reflexão filosófica, ambos encetam.

---

<sup>1</sup> José Régio, "Introdução a Uma Obra" (1969/8), *Poemas de Deus e o Diabo*, Porto, Brasília Editora, 1978, pp. 97-171.

Lourenço compreendeu-o há muito e os seus mais recentes ensaios sobre Régio são a prova cabal da sua lucidez e auto-crítica nesta matéria. Régio, por seu turno, embora certamente magoado, procurou não estimular ou exacerbar a polémica, talvez porque adivinhasse o muito que ela continha de encarniçada provocação geracional e talvez porque não tivesse descortinado verdadeiramente o que pretendia Lourenço, para além da polémica violenta, que a Régio não interessava.

Mas, na verdade, tudo isto tem pouca ou nula importância e constitui mera agitação de superfície, pois o que a um nível mais profundo estava em causa já na época, e hoje ainda, releva de um outro domínio que não é nem geracional ou psicológico nem histórico ou sociológico, mas eminentemente filosófico e literário.

Com efeito, o que separa profundamente as obras de Lourenço e Régio é uma diferente concepção do acto criador e, conseqüentemente, do estatuto e natureza da própria literatura. Assim, se para Régio é ao nível do aprofundamento da Subjectividade que se situa a génese e o valor da criação, remetendo sistematicamente para uma análise psicológica em que o Eu tem uma espessura e consistência nunca postas em dúvida, Lourenço parte de uma concepção de sujeito radicalmente diferente, pois que é precisamente na fragmentação e pulverização desse Eu que ele encontra o carácter inovador e autêntico da modernidade.

Com Lourenço, estamos efectivamente já no universo de Pessoa, mas também no domínio das principais aporias de toda a filosofia, literatura e cultura que irão desembocar nos movimentos da pós-modernidade emergentes na segunda metade do século XX, os quais Lourenço acompanha, mas aos quais não cederá completamente.

No entanto, nas décadas de 40 e 50 o que distinguia em primeiro lugar as reflexões críticas de Régio, bem como a sua produção literária, da particular visão do mundo de Lourenço, era sem dúvida, o diverso posicionamento face à psicologia. É que a formação filosófica de Lourenço faz-se precisamente a partir da fenomenologia husserleana, a qual se constituiu contra o reducionismo psicológico (mas também sociológico e historicista), que contaminou largos espaços da produção cultural no Ocidente, nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O processo de evolução de Lourenço dentro da Fenomenologia levá-lo-á a aprofundar esta crítica à psicologia, bem como a afastar-se do idealismo que ainda detecta em Husserl. Através da reflexão de Merleau-Ponty, mas sobretudo de Heidegger, vê confirmadas as suas principais concepções relativas à linguagem em geral e ao acto poético em particular. Fernando Pessoa é, para Lourenço, a ilustração mais acabada de uma concepção ontológica da literatura, que imediatamente a coloca num plano trágico de abismo ao mundo, a si próprio e aos outros, que é muito mais profundo do que a dramatização da questão metafísica de que a obra de Régio é lugar.

É que, o pomo sensível das reticências lourenceanas em relação à obra de Régio, enquanto projecto de permanente busca metafísica, situa-se precisamente na diferença entre a cisão do Eu de Régio, quando comparada com a heteronímia pessoana. Para Régio, a cisão e o diálogo constante que mantém entre si e o seu outro

Eu, toma a forma de um questionamento dramático e tensional, precisamente porque cada um desses "Eus" beneficia ainda de uma consistência e unidade assinaláveis, que permitem verdadeiramente a oposição e a luta dilacerada, e sem solução, entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo. Mas esta é ainda a forma de luta interior clássica de que boa parte da história da literatura nos dá testemunho.

Imaginê-se agora que Deus e o Diabo (como o Sujeito, o Mundo, a Verdade, etc) são pura ficção, pura criação da linguagem poética, quer dizer, toda a realidade que existe, mas que só a linguagem poética pode aflorar. Entramos então noutra registo completamente diferente, obviamente agora pela mão de Pessoa. Não é Fernando Pessoa quem cria os heterónimos, como se poderia pensar se nos mantivéssemos ao nível de uma explicação psicológica. Verdadeiramente, trata-se do inverso: são os heterónimos que criam Pessoa, pois que estes, enquanto linguagem poética e ficcional, são bem mais consistentes e originários que essa realidade fluida que é o sujeito psicológico Fernando Pessoa (esse sim, produto da ficção psicológica, aqui no sentido de mentira e ilusão).

Assim, o que em última análise está em causa, é uma diferente concepção de sujeito poético em ambas as obras: em Régio este identifica-se com o sujeito psicológico (é certo que, um sujeito complexo, dilacerado, dividido, em eterna busca de si próprio), enquanto em Pessoa e Lourenço o sujeito poético é anterior, e muito mais valioso do que o sujeito psicológico, o qual verdadeiramente funda e pode mesmo legitimar. Mais ainda, para Lourenço, é o sujeito poético, esse quase nada estilhaçado e fragmentado por Nietzsche e, depois morto por Foucault, que constitui a única realidade que é próprio da linguagem poética poder forjar, não por um processo de criação poética de si a si, mas pelo constante medir do abismo de si ao mundo, do aflorar poeticamente a ausência num mundo sem sentido previamente dado.

De Régio a Lourenço vai a diferença da psicologia e antropologia à ontologia, do drama à tragédia, do sujeito clássico ao pós-moderno. Ainda assim, e analisado a um nível mais profundo, talvez ambos se tenham adivinhado com travando, por caminhos diferentes, um mesmo combate espiritual, que tem um nome tão antigo quanto o da história da cultura e que poderíamos designar genericamente por "inquietação metafísica".

Disto mesmo nos dá testemunho Lourenço quando, em texto datado de 1972<sup>2</sup>, ensaio de recepção da obra de Régio *Confissão de um Homem Religioso*, escreve o seguinte: «Pessoalmente, esperava esta obra de Régio com uma curiosidade extrema. A única vez que pude vê-lo [a Régio] – num comboio entre Lisboa e Porto, por volta de 53 ou 54 –, foi desta mesma obra, então em gestação, que o poeta consentiu em falar. (...) Dessa breve e nada íntima conversa, guardei, aliás uma impressão de assombro. Tendo a conversa recaído precisamente sobre Religião, pois eu referia-me à

<sup>2</sup> Eduardo Lourenço, "As Confissões Incompletas ou A Religião de Régio" (1972/2/9). *Colóquio/Letras*, n.º 11, 1973, Janeiro, pp. 20-27.

sua Introdução recente ao volume *Cristo tal como os Pintores, Escultores e Poetas Portugueses O Viram*, Régio confessou com desarmante simplicidade que, além da Bíblia e de Renan, pouco mais lera sobre Jesus. Naturalmente fiz de mim para mim a reflexão: “será possível que ele tenha ficado em Renan?”. Não tardei a responder: “e porque não?”. Na verdade que outra visão de Cristo é possível entre a Fé e a de Renan?»<sup>3</sup>.

Lourenço concluirá então que, embora a religião tal como Régio a entendia não esteja já na moda, pois que estamos num mundo “em vias de dessacralização radical”, a “religiosidade-outra” de Régio consiste num “grito único e definitivo de uma vida” lapidarmente expresso na afirmação regiana do seu essencial carácter religioso «(...) “não fui outra coisa senão *um homem religioso*, tudo o mais foram arredores de mim, ou deve ser visto nessa luz, enfim sem sombra de sombra”», palavras de Régio que Lourenço recorda, para em seguida retoricamente indagar: «Quem terá dúvidas que o autor das *Encruzilhadas de Deus*, de *Jacob e o Anjo*, de *Benilde*, de *Salvação do Mundo*, o evocador de Roberto do Diabo, popular e flaubertiano, é um autor religioso até à medula dos ossos e da alma? Quem esperará encontrar no último avatar a sua perpétua Confissão – e a mais confessional obra literária que existe entre nós – uma nova e mais alta revelação do que aquela que, uma vez por todas, o Rei de *Jacob e o Anjo* nos anunciou? Em que outro lugar pode brilhar e negrejar com mais intensidade a violenta queimadura que o fogo invisível do Absoluto que lhe serviu de Deus ou do Deus que lhe serviu de Absoluto deixou na sua alma, que na sua obra onde toda a luz se apura e transfigura? Decerto, em parte alguma»<sup>4</sup>.

Mas esta afinidade temática de fundo entre ambas as obras não pode por certo encobrir o olhar crítico que Lourenço frequentemente dispensou à particular visão do mundo de Régio, ao seu labor enquanto crítico literário, à sua concepção de arte, e particularmente de literatura e da linguagem, bem como à leitura que da cultura portuguesa produziu em determinados momentos.

Assim, em 1947, e sob o pseudónimo de Eduardo Coimbra, Lourenço tornava pública na revista *Vértice* a sua discordância face à excessiva valorização que Régio havia feito da obra de Sá-Carneiro, *A Confissão de Lúcio*. A crítica, que se estendia igualmente a Gaspar Simões, nada tinha de atitude ingénuo, mas posicionava-se já contra a preferência revelada por Régio em relação a Sá-Carneiro, em detrimento da obra de Fernando Pessoa.

Apropriando-se de uma terminologia cara a Régio, e à *presença*, Lourenço afirmava que a novela de Sá-Carneiro revelava «sinais do que é morto, definitivamente morto»<sup>5</sup>, afirmando taxativamente tratar-se de uma novela «mediocre, mediocrementemente escrita»<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Eduardo Lourenço, “As Confissões Incompletas ou A Religião de Régio” (1972/2/9), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994: 136-144, p.143.

<sup>4</sup> *op.cit.*, pp.141-142.

<sup>5</sup> Eduardo Lourenço, “Nota Sobre a Pretendida Genialidade da ‘Confissão de Lúcio’” (1947/2), *Seara Nova*, n.º 1018, 1947, Fevereiro: 62-63, p.62.

<sup>6</sup> *ibidem*

Para Lourenço, Sá-Carneiro era «um grande poeta e um mau novelista», posição que fundamentava a partir de uma distinção nítida entre poesia e novela, revelando já um interesse muito especial e uma aturada reflexão no âmbito quer da filosofia da linguagem quer da fenomenologia do acto criador (e em particular do acto poético).

Em 1947, esta «Nota Sobre a Pretendida Genialidade da ‘Confissão de Lúcio’», não pode deixar de ser compreendida como um ataque à figura tutelar do panorama cultural e literário da época, José Régio, bem como àquele que um dia Lourenço chamou de “Pater Criticus” nacional, Gaspar Simões.

Desde então Lourenço não deixou nunca de reflectir sobre as principais linhas teóricas da *presença*, discutindo-as tanto ao nível da crítica literária concreta, como também ao nível dos pressupostos filosóficos que se lhe encontravam subjacentes.

Um dos mais nítidos exemplos de uma tal reflexão crítica encontra-se num ensaio coligido no primeiro livro de Lourenço, datado de 1949, e intitulado *Heterodoxia I*. Referimo-nos concretamente ao texto «Da Permanência no Mundo do Espírito», no âmbito do qual Lourenço se propõe discutir os conceitos de *actualidade*, *inactualidade* e *ultrapassamento*. Embora este ensaio não se refira concretamente a Régio ou à *presença*, deixa o filósofo português bem claro que deseja analisar o uso valorativo destes conceitos «(...) por parte de uma certa crítica, a quem tudo importa, excepto a análise estética e moral»<sup>7</sup>, para concluir que, no mundo do espírito, ao contrário do mundo material, os autores e as obras não passam propriamente de moda, nem morrem verdadeiramente, embora possam temporariamente parecer perder o seu carácter de “vivos”.

Será ainda em torno de uma ideia cara a Régio e aos “presencistas”, mas também ao escol da “filosofia portuguesa” (embora por razões distintas), que Lourenço desenvolverá um inquérito à *inteligência* portuguesa, no âmbito do qual indaga acerca da potencial universalidade da cultura portuguesa, nela incluindo obviamente a literatura, a filosofia e outras manifestações culturais<sup>8</sup>.

Régio responderá a este inquérito afirmando precisamente que toda a universalidade depende em primeira instância da autenticidade das obras e do génio do seu criador, acrescentando ainda que é o português quem não sabe valorizar as suas produções, nem tem oportunidade de o fazer, apesar da existência de grandes génios na Cultura Portuguesa<sup>9</sup>. Ora, será precisamente em torno desta leitura da não visibilidade da Cultura Portuguesa no estrangeiro que Lourenço redigirá dez anos mais tarde, em 1962, o primeiro texto de polémica dirigido pessoalmente contra Régio.

<sup>7</sup> Eduardo Lourenço, “Da Permanência no Mundo do Espírito” (1949), *Heterodoxia I*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949: 45-76, p.51.

<sup>8</sup> Eduardo Lourenço, “Como Vivem os Intelectuais Portugueses a sua Relação com a Cultura Passada em Portugal?” (1952), *Bicórnio*, n.º 2, 1952, Abril: 43-64.

<sup>9</sup> Jose Régio, “Como Vivem os Intelectuais Portugueses a sua Relação com a Cultura Passada em Portugal? – Resposta ao inquérito conduzido por Eduardo Lourenço de Faria” *Ibid.*: 57-58.

Este ensaio de Lourenço, de resto praticamente esquecido hoje, teve como rastilho uma breve crónica do autor de *A Chaga do Lado* na página literária de *O Comércio do Porto* e que se intitulava "Nota Desagradável"<sup>10</sup>. Nesse texto, queixava-se Régio, de novo, da falta de visibilidade da cultura nacional no estrangeiro, a qual contrastava com a excessiva presença de outras culturas e literaturas entre nós, muito especialmente a francesa. De tudo isto considerava Régio serem os portugueses também culpados, pois que «(...) nos desonramos a nós próprios, assumindo atitudes que, por vezes roçam a falta do mais legítimo orgulho»<sup>11</sup>.

Lourenço responderá a Régio com um longo texto, que fará publicar na mesma página literária, e que intitula sugestivamente «A 'Chaga do Lado' da Cultura Portuguesa – Comentário a uma 'Nota Desagradável'»<sup>12</sup>. Este texto, que antecipa em cerca de uma quinzena de anos as principais reflexões que Lourenço desenvolverá nessa obra de referência quase mítica na cultura portuguesa contemporânea que é *O Labirinto da Saudade*, e muito particularmente no ensaio "Psicanálise Mítica do Destino Português", centra-se o filósofo e ensaísta em duas ideias fundamentais: em primeiro lugar a necessidade de "uma existência sem complexos da cultura nacional" e, em segundo lugar o entendimento de que o mítico "olhar estrangeiro" sobre nós releve de um problema que temos connosco próprios, antes de se tratar de um problema que temos propriamente com o "estrangeiro".

Apesar da contundência das afirmações de Lourenço, Régio não responde e continua a escrever nessa mesma página literária, tranquilamente, as suas crónicas, na secção "Coisas Nossas". Curiosamente, publica-se na referida página, ao lado do violento texto de polémica de Lourenço, uma reflexão de Régio precisamente sobre *A Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro.

Parece claro que Régio se mostra pouco interessado em polemizar com Lourenço, até porque estaria, muito provavelmente magoado com um ensaio lourenceano ainda mais violento e contundente que, ainda naquela página literária publicara dois anos antes e que se tornou, quase involuntariamente como ele próprio já o afirmou, um "acto". Referimo-nos ao texto «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo»<sup>13</sup> que, na verdade, marcou uma época e ainda hoje constitui referência incontornável na história das relações entre *Orfeu e presença*.

Os equívocos e interpretações enviesadas que o ensaio provocou foram muitos. Ainda recentemente, Lourenço fez a história dessa "desleitura", sublinhando que, no essencial, o que pretendeu dizer (e nunca retirou posteriormente) é que a concepção

<sup>10</sup> José Régio, "Nota Desagradável" (1962), *Comércio do Porto – Suplemento de Cultura e Arte*, 1962, 13 de Março: 5.

<sup>11</sup> *op.cit.*

<sup>12</sup> Eduardo Lourenço, "A 'Chaga do Lado' da Cultura Portuguesa – Comentário a uma 'Nota Desagradável'. I – Para uma Existência Sem Complexos da Cultura Nacional" (1962/5/8), *O Comércio do Porto – Suplemento Cultura e Arte*, 1962, 8 de Maio: 5-6 e Eduardo Lourenço, "A 'Chaga do Lado' da Cultura Portuguesa – Comentário a uma 'Nota Desagradável'. II – O Olhar Estrangeiro como Problema Nosso" (1962/5/8), *O Comércio do Porto – Suplemento Cultura e Arte*, 1962, 26 de Junho: 5.

do acto poético, e mais genericamente do acto criador, era muito diferente em *Orfeu e presença*.

À distância de mais de quarenta anos o ensaio de Lourenço, que de resto foi publicado com cortes da censura, parece-nos apenas uma continuação, quando muito um aprofundamento, das suas próprias reflexões no âmbito de uma certa filosofia da linguagem e de uma análise crítica em torno da literatura, muito concretamente da literatura portuguesa. Com efeito, as suas reflexões sobre as obras de Fernando Pessoa e de Miguel Torga apontavam já para uma inevitável apreciação do movimento da *presença* como uma espécie de retrocesso na aventura modernista que a literatura portuguesa conheceu com *Orfeu*.

Julgamos também que, para Lourenço, a transformação deste texto numa tal polémica, da qual ainda hoje ouvimos os ecos, constituiu igualmente uma certa surpresa, sobretudo no que respeita às díspares interpretações que suscitou e às sensibilidades que pessoalmente se sentiram atingidas pelo seu ensaio, entre as quais se encontrava José Régio.

Talvez por essa razão, e ainda porque o texto foi censurado no *Comércio do Porto* em todas referências a Casais Monteiro, Lourenço publica no ano seguinte, em 1961, no Brasil, um versão do polémico texto, onde atenua significativamente a linguagem algo agressiva para Régio e algumas das suas mais radicais afirmações. Para além disso, reelabora partes significativas desse texto acrescentando-lhe uma fundamentação teórica que o ensaio original supunha, mas que não apresentava explicitamente. No cômputo geral, o texto ganhou em qualidade e profundidade e, sobretudo, esclareceu alguns dos equívocos a que a primeira versão deu origem. De qualquer forma, a ideia base manteve-se e foi mesmo aprofundada.

Não sabemos se Régio alguma vez teve acesso a esta segunda versão. O certo é que não foi esse texto reformulado e mais desenvolvido que constou do terceiro volume da *Antologia do Suplemento de Cultura e Arte de "O Comércio do Porto" Estrada Larga*, da responsabilidade de Costa Barreto, o qual vem a ser publicado logo em 1962.

Muitos anos mais tarde, em 1974, Lourenço republicará a versão desse texto publicada no Brasil, no seu livro *Tempo e Poesia*<sup>14</sup> e, de novo reflecte sobre esta temática, alterando desde logo o título que passa a surgir na forma de uma interrogação a que o texto, precisamente porque de verdadeiro ensaio se trata, procura responder.

De qualquer forma, Lourenço, como ele próprio recentemente afirmou, passará uma boa parte da sua vida a tentar explicar o que pretendeu dizer com esse artigo. Mas, a partir de então, queixa-se Lourenço, "eles" (os "presencistas") passaram a ouvi-lo

<sup>13</sup> Eduardo Lourenço, "Presença' ou a Contra-Revolução do Modernismo" (1958/7/28), *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, 1960, 14 de Junho: 6 e Eduardo Lourenço, "Presença' ou a Contra-Revolução do Modernismo" (1958/7/28), *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, 1960, 14 de Junho: 6.

<sup>14</sup> Eduardo Lourenço, "Presença' ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?" (1958/12/2), *Tempo e Poesia - à Volta da Literatura*, Porto, Ed. Inova, 1974: 165-194.



de uma «maneira muito distraída»<sup>15</sup>. Ainda assim, o filósofo português escreveu ensaios emocionados e profundos sobre Régio e a sua obra. Entre eles contam-se “A Ausência-Régio”<sup>16</sup>, “Régio no Espelho da Sua Subjectividade Fantástica”<sup>17</sup> e sobretudo “Situação de Régio”<sup>18</sup>. Neste último, sem nada alterar da principal ideia que expressara no polémico ensaio de 1960, conclui «(...) que afinal as aventuras criadoras de Pessoa e Régio (...) são de certo modo o anverso uma da outra»<sup>19</sup>, embora a obra deste, na sua fundura e riqueza acabasse por ser ofuscada pelo esplendor da obra pessoana que ia sendo gradualmente descoberta.

É o próprio Eduardo Lourenço quem, no ensaio a que nos estamos a referir, precisamente dedicado a Eugénio Lisboa e Luís Amaro, faz a seguinte leitura do complexo, conturbado e polémico posicionamento que durante décadas manteve face a Régio: «Na minha juventude a “presença” de Régio era a presença poética e cultural por excelência. Contra ele e o que representava, ou supúnhamos representar, se bateu a geração que iria dar o tom à década de 40 e parte dos anos 50. Combate, sobretudo ideológico, contra um José Régio, incarnação superior do artista alheio às famosas “lutas dos homens”, expoente do idealismo e do subjectivismo individualistas (...)»<sup>20</sup>.

No entanto, prossegue Lourenço, «a dureza e a constância de uma tal crítica não faziam mais do que sublinhar o impacto da obra, da figura e da acção de Régio. No fundo, nada contribui mais para o conservar vivo e o estabelecer na sua grandeza solitária que esse encarniçamento de toda uma geração que o combatia no plano da visão do mundo e da atitude ideológica – singularmente esquematizadas uma e outra – preservando e reverenciando, em geral, a alta e rara qualidade estética e moral da sua obra»<sup>21</sup>.

Ou ainda, numa expressão mais profunda e sentida, escreve Lourenço na hora da morte de Régio: «Para nós, com José Régio, morre-nos alguém. Morre-nos mesmo mais do que isso, pois desaparece com ele ‘o contemporâneo capital’, aquele autor que, para cada geração, mau grado todas as reticências e disputas – e em parte até por causa delas –, constitui a referência cultural e moral por excelência»<sup>22</sup>.

<sup>15</sup> Eduardo Lourenço, “Orpheu e Presença” (2000/4/6), *J.L. – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2001, 19 de Setembro: 14-16.

<sup>16</sup> Eduardo Lourenço, “A Ausência – Régio” (1969/12/24-25), *Diário de Notícias*, 1970, 22 de Janeiro: 17-18.

<sup>17</sup> Eduardo Lourenço, “Régio no Espelho da Sua Subjectividade Fantástica” (1977/12/29), *Metamorfoses do Fantástico na Obra de José Régio*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1977: VII-XVII.

<sup>18</sup> Eduardo Lourenço, “Situação de Régio” (1984/4/4), *A Cidade*, 1984, Outubro: 55-59.

<sup>19</sup> Eduardo Lourenço, “Situação de Régio” (1984/4/4), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994: 144-149, p.148.

<sup>20</sup> *ibid.*, p.144.

<sup>21</sup> *ibidem*

<sup>22</sup> Eduardo Lourenço, “A Ausência – Régio” (1969/12/24-25), *Arquivos do Centro Cultural Português de Paris (F.C. Gulbenkian)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971: 720-728, p.724

## Bibliografia

- LOURENÇO, Eduardo, «Da Permanência no Mundo do Espírito» (1949), *Heterodoxia I*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949, pp. 45-76.
- , «Como Vivem os Intelectuais Portugueses a sua Relação com a Cultura Passada em Portugal?» (1952), *Bicórnio*, n.º 2, 1952, Abril, pp. 43-64.
- «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo?»(1958/7/28), *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, 1960, 14 de Junho. p. 6 (.Inserido em n.º especial sobre 'A Poesia "Post-Orfeu", publicado entre 14 de Junho de 1960 e 27 de Dezembro de 1960. Texto censurado nas referências a Casais Monteiro).
- , «A "Chaga do Lado" da Cultura Portuguesa - Comentário a uma "Nota Desagradável" I - Para uma Existência Sem Complexos da Cultura Nacional» (1962/5/8), *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, 1962, 8 de Maio, pp. 5-6.
- , «A "Chaga do Lado" da Cultura Portuguesa - Comentário a uma "Nota Desagradável" II - O Olhar Estrangeiro como Problema Nosso» (1962/5/8), *O Comércio do Porto - Suplemento Cultura e Arte*, 1962, 26 de Junho, p. 5.
- , «A Ausência – Régio» (1969/12/24-25), *Diário de Notícias*, 1970, 22 de Janeiro, pp. 17-18.
- , «A Ausência - Régio» (1969/12/24-25), *Arquivos do Centro Cultural Português de Paris* (F.C. Gulbenkian), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp. 720-728 (Assinado Eduardo Lourenço de Faria).
- , «As Confissões Incompletas ou A Religião de Régio» (1972/2/9), *Colóquio/Letras*, n.º11, 1973, Janeiro, pp. 20-27.
- , «"Presença" ou a Contra-Revolução do Modernismo Português?» (1958/12/2), *Tempo e Poesia - à Volta da Literatura*, Porto, Ed. Inova, 1974, pp. 165-194.
- , «Régio no Espelho da Sua Subjectividade Fantástica» (1977/12/29), in Duarte FARIA *Metamorfoses do Fantástico na Obra de José Régio*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1977, pp. VII-XVII (Prefácio).
- , «Situação de Régio» (1984/4/4), *A Cidade*, 1984, Outubro, pp. 55-59 (Número especial de homenagem a José Régio).
- , «As Confissões Incompletas ou A Religião de Régio» (1972/2/9), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 136-144.
- , «Situação de Régio» (1984/4/4), *O Canto do Signo – Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 144-149.
- , «Orpheu e Presença» (2000/4/6), *J.L. – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2001, 19 de Setembro, pp. 14-16 (Conferência proferida no âmbito do "Seminário Livre de História das Ideias").

LOURENÇO, Eduardo (Eduardo Coimbra), «Nota Sobre a Pretendida Genialidade da “Confissão de Lúcio”» (1947/2), *Seara Nova*, n.º 1018, 1947, Fevereiro, pp. 62-63 (Eduardo Coimbra, pseudónimo utilizado por Eduardo Lourenço).

RÉGIO, José, «Como Vivem os Intelectuais Portugueses a sua Relação com a Cultura Passada em Portugal? - Resposta ao inquérito conduzido por Eduardo Lourenço de Faria» (1952), *Bicórnio*, n.º 2, 1952, Abril, pp. 57-58.

-, «Nota Desagradável» (1962), *Comércio do Porto – Suplemento de Cultura e Arte*, 1962, 13 de Março, p. 5 (Secção “Coisas Nossas”).

-, «Introdução a Uma Obra» (1969/8), *Poemas de Deus e o Diabo*, Porto, Brasília Editora, 1978, pp. 97-171 (Pós-fácio à 7.ª edição).